



Eixo 1

# Integração Ensino- Serviço- Comunidade

**A**o destacar a articulação entre o potencial formativo dos serviços de saúde e a capacidade de reflexão e redefinição das práticas fomentada pelas instituições de ensino, o eixo ensino-serviço-comunidade é um componente fundamental para efetivação da Educação Permanente em Saúde. As experiências selecionadas nesse eixo mostram a importância da construção de espaços de aprendizagem a partir de três instâncias interligadas: instituições de ensino, seus docentes, pesquisadores(as) e estudantes; serviços de saúde, bem como gestores(as), profissionais e trabalhadores(as) que neles atuam; e a comunidade, usuários(as) do Sistema Único de Saúde (SUS) e cidadãos(ãs)<sup>8</sup>.

As iniciativas revelam avanços em relação à gestão do SUS e também as frutíferas repercussões de projetos que remontam à implantação da Política Nacional de Educação Permanente em Saúde (PNEPS), como o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde), Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) e o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde).

Surge das narrativas sobre as experiências finalistas neste eixo um SUS vigoroso e pujante na formação de profissionais comprometidos(as) com as necessidades de saúde da população, fortalecido em seu papel no processo de ensino e aprendizagem. As histórias aqui contadas apontam para a relevância da parceria com instituições públicas e privadas de ensino na transformação das práticas de cuidado dos(as) profissionais, mas também para a formação de cidadãos e cidadãs conscientes e responsáveis pela própria realidade social<sup>9</sup>.

# Caminhos da construção da rede de integração ensino e serviço da SMS de Porto Alegre



## A política de integração ensino-serviço vincula instituições de ensino à realidade dos territórios e reorienta a formação para atender às necessidades do SUS

Institucionalizada e consistente – estas são duas características que podemos utilizar para definir a experiência “Caminhos da Construção da Rede de Integração Ensino e Serviço da SMS de Porto Alegre”. A iniciativa inovadora de instituir a Comissão Permanente de Ensino e Serviço (CPES) da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), em 2011, oportunizou a formulação e consolidação de uma Política de Integração Ensino e Serviço em Porto Alegre estratégica para a construção do Sistema Único de Saúde (SUS), com o intuito de transformar a rede assistencial do município em uma efetiva rede escola.

A CPES é integrada por representantes dos setores e áreas estratégicas da SMS – redes de atenção primária e secundária, hospitais, vigilância sanitária, assessoria de planejamento, coordenação de urgência, desenvolvimento de recursos humanos – e também do Conselho Municipal de Saúde. Através da política impulsionada pela CPES, foi possível integrar instituições de ensino e serviços de saúde em uma parceria negociada e duradoura, focada na reorientação da formação profissional para atender às necessidades do SUS e, ao mesmo tempo, voltada à qualificação dos profissionais dos serviços, à mudança das práticas assistenciais e à produção de conhecimento para a melhoria permanente da atenção à saúde.

Esse processo respondeu à necessidade de superar a informalidade e a falta de organização das atividades nos serviços, em um cenário de ausência de critérios para

o ordenamento das práticas de formação, que eram direcionadas pelas instituições de ensino segundo lógicas institucionais próprias, porém sem maior consideração às necessidades de saúde da população e da gestão municipal do SUS.

A Secretaria Municipal de Saúde (SMS) constatou que não sabia onde os alunos atuavam, quem eram os(as) profissionais responsáveis pelos(as) estudantes, e tampouco a prática desempenhada nos serviços.

A necessidade de mudar esse panorama foi uma das linhas que guiou todo o trabalho, direcionado para a institucionalização da relação com as instituições de ensino, através da assinatura de Termos de Cooperação Técnica para pactuação de atribuições e responsabilidades entre a SMS e as instituições de ensino. Com base nesse instrumento, passou-se à formalização do acesso dos(as) alunos(as) aos cenários de prática mediante a apresentação de Planos de Atividades e Termos de Compromisso, firmados entre professor(a) e preceptor(a), que contemplam as informações e definições programáticas das práticas de ensino no serviço. Os Planos de Atividades, que precisam ser aprovados pela SMS, orientam a atuação nos cenários de prática e possibilitam uma efetiva gestão da alocação de alunos(as) nos serviços de saúde.

Como estratégia para superar o quadro de dispersão e de disputa entre as instituições de ensino (IEs) pelos cenários de prática, a CPES implementou a territorialização das atividades das grandes IEs, que foram di-



José Mário Neves, articulador da experiência

reacionadas para distritos sanitários específicos, constituindo os Distritos Docentes Assistenciais (DDAs). Para José Mário Neves, um dos articuladores da experiência, a implantação dos DDAs é a principal iniciativa do projeto: “Com a estruturação dos DDAs, foi possível construir uma forte vinculação das instituições de ensino com os seus territórios, com benefícios para a integração das ações dos diferentes cursos e disciplinas, aprofundamento das ações e continuidade dos projetos, além do direcionamento das ações de ensino para atender às reais necessidades de saúde dos territórios.[...] Hoje as instituições estão satisfeitas porque têm um território que é delas, sabem que podem investir naquele território porque todo investimento virá em benefício do processo de ensino em serviço. E não há mais conflito entre as instituições”.

A institucionalização dos distritos docentes assistenciais deu-se num contexto de negociação e levou em consideração a vocação das universidades e as suas inserções geográficas. Na opinião de José Mário Neves, isso faz com que “as instituições tenham hoje um grande vínculo com os serviços. Elas estão conhecendo profundamente a

nossa realidade”. Através da implantação dos DDAs foi possível viabilizar a continuidade das ações e garantir o direcionamento de todo o processo de formação e produção de conhecimento para o atendimento às necessidades prioritárias de cada território.

O espaço de gestão dos DDAs – as Comissões de Gestão e Acompanhamento Local (CGAL) – inclui a participação da CPES, das Gerências de cada distrito, das instituições de ensino vinculadas, do controle social do território e dos(as) trabalhadores(as), com envolvimento contínuo de todos(as). É esse trabalho conjunto que garante solidez e perenidade, com avanços, das ações implementadas pela experiência.

Por outro lado, a ampliação da consciência sobre o caráter estratégico da formação profissional vinculada às reais necessidades de saúde da população é fator essencial para a continuidade e aperfeiçoamento da política de integração ensino-serviço.

## Vínculo ensino-serviço com resultados ampliados

Na experiência da capital gaúcha, a construção da rede de ensino e serviço e o diálogo permanente com os diversos atores implicados na política se desdobraram na criação de condições adequadas para a vivência de alunos(as) e docentes nos serviços, com o olhar para os problemas daquela realidade e adoção de responsabilidades para mudanças no quadro concreto.

A iniciativa também fortaleceu a Atenção Primária à Saúde (APS) em seu papel de ordenadora do sistema de saúde. Além disso,

a instituição de um contrato pedagógico entre universidades e serviços reverteu a situação de fragmentação e descontinuidade das ações nos serviços de saúde e a disputa entre instituições que até então se revertia em priorização do setor privado.

As práticas nos serviços, organizadas em parceria com os gestores, tiveram como elementos importantes a interdisciplinaridade, o trabalho em equipes multiprofissionais e a promoção e a prevenção em saúde como formas de reverter modelos de formação hospitalocêntricos, médico-centrados e baseados em procedimentos. De outra parte, o fluxo administrativo estabelecido possi-

bilitou o registro, o acompanhamento e a gestão efetiva das atividades de ensino em serviço nos cenários de prática.

Dentre as mudanças provocadas pela experiência estão a evolução constante do número de alunos(as) – estagiários(as) e residentes – nos cenários de prática, o maior vínculo e a maior abrangência da participação das instituições de ensino nos serviços de saúde do município. A partir da parceria da SMS com as instituições de ensino, foram criados três programas de Residência Multiprofissional, com ênfase em Saúde da Criança; em Urgência e Emergência e em Vigilância em Saúde.

“Com a instituição do Distrito Docente Assistencial houve uma aproximação maior da universidade com a Gerência de Saúde. [...] A experiência com o curso de Farmácia teve dois enfoques, trazer os alunos para realizarem práticas na atenção primária, e com isso provocar uma alteração curricular, proporcionando uma vivência no SUS, e qualificar a dispensação de medicação com a implantação de consultório para atendimento e orientação aos pacientes para a gerência. [...] Tem sido uma experiência inovadora”.

Ana Lucia de Leão Dagord, enfermeira, Gerente Distrital de Saúde em Porto Alegre/RS.



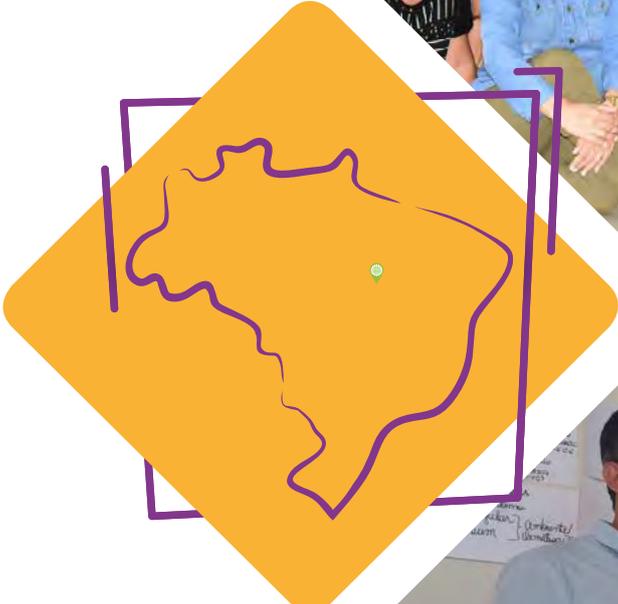
## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre

**E-mail para contato:** [jneves@sms.prefpoa.com.br](mailto:jneves@sms.prefpoa.com.br)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# Curso de Acolhimento em Redes de Atenção à Saúde



Fotos: Coordenação Colegiada ARAS

## Formação no SUS e para o SUS: experiência no Tocantins articula atenção, gestão e Educação em Saúde

Uma experiência integrada de qualificação de profissionais da saúde para implantação do acolhimento com avaliação de riscos e vulnerabilidades e classificação de riscos na Rede de Atenção à Saúde do Tocantins, o “Curso de Acolhimento em Redes de Atenção à Saúde (ARAS)” articula processos de trabalho, formação e intervenção, com valorização do contexto dos territórios e da prática dos(as) profissionais. Os resultados apontam caminhos para uma Atenção Primária, atenção de média complexidade e hospitalar mais acolhedoras e resolutivas, bem como um Sistema Único de Saúde (SUS) mais fortalecido.

Demanda de gestores(as) municipais das oito regiões de saúde do estado do Tocantins, por meio do Plano de Ação Regional de Educação Permanente em Saúde (PAREPS), o projeto educacional teve início em 2016, quando a Escola Tocantinense do SUS Dr. Gismar Gomes (EtSUS), órgão da Superintendência de Gestão Profissional e Educação na Saúde da Secretaria de Saúde de Tocantins (SES/TO), elaborou uma proposta de formação para contemplar os 139 municípios do estado. Entre 2016 e 2017, 720 trabalhadores(as) de saúde do Tocantins foram beneficiados pela experiência. São profissionais que atuam na Rede de Atenção à Saúde, em âmbito municipal, estadual e/ou federal.

Além de conteúdos previstos pela Política Nacional de Educação Permanente, Política Nacional de Humanização, Política Nacional de Atenção Básica e Política de Urgências no SUS, incluiu-se estudos sobre os Protocolos de Acolhimento com Classificação de

Risco na Rede de Urgência e Emergência do Tocantins (Adulto e Pediátrico), Manual de Urgências e Emergências Obstétricas e Caderno da Atenção Básica nº 28 do Ministério da Saúde. A organização das turmas segue a lógica das regiões de saúde, em municípios polos, para potencializar a comunicação como elo entre os pontos de atenção que compõem as redes, produzindo um olhar sobre as necessidades do território a partir das experiências dos(as) trabalhadores(as). Para Jamison Pereira Nascimento, da Assessoria de Humanização da Secretaria de Saúde do Estado do Tocantins, a própria construção da demanda de formação representa um aspecto inovador, por surgir no âmbito da Comissão Intergestores Regional (CIR), que articula a gestão com a voz dos(as) trabalhadores(as).

Jamison também destaca o processo de coordenação do ARAS, que envolve diversas áreas técnicas em diálogo com os territórios, e como a experiência tem suscitado uma série de reflexões dentro da própria escola sobre as estratégias de organização de demandas educacionais. “Acho que a gente está conseguindo conciliar formação, atenção e gestão, tudo junto no curso. E, além disso, temos conseguido romper com a perspectiva fragmentada dos processos de trabalho, adotando uma perspectiva mais da transversalidade, entendida também como o aumento do grau de comunicação entre os diversos sujeitos que estão envolvidos nesse processo”, avalia. Com a concepção de que os(as) trabalhadores(as) são gestores(as) do seu próprio trabalho, a iniciativa fomenta a capacidade de gerir os processos de tra-



Depoimento de Jamison Pereira Nascimento, assessor da SES Tocantins

balho das equipes, com reuniões, planos de ação e organização de demandas no próprio território.

## Contribuições para um SUS mais acolhedor

Liana Barcelar, enfermeira que integra a equipe da Coordenação Colegiada do ARAS, destaca o papel da ETSUS em “apoiar e ofertar processos educacionais significativos que contribuam para que os trabalhadores do SUS do Tocantins melhorem o acesso e a qualidade dos serviços de saúde ofertados nos municípios tocantinenses, produzindo respostas adequadas às necessidades de saúde da nossa população, garantindo seus direitos”. Na avaliação de Liana, já é perceptível o impacto do curso no cotidiano dos serviços de saúde dos municípios, o que dá

motivação para acreditar em um “Sistema Único de Saúde melhor, mais resolutivo, mais acolhedor, mas que precisa ser fortalecido a partir de cada um dos envolvidos”.

Como desdobramento do curso, além da integração e compartilhamento de saberes e experiências entre os(as) profissionais, podem ser elencados o Plano de Ação para Implementação/Implantação do Acolhimento com Avaliação de Riscos e Vulnerabilidades e o Acolhimento com Classificação de Risco nas Redes de Atenção à Saúde do SUS no Tocantins. Coordenadora da Atenção Básica local, a enfermeira Ramiza Barnabé Rodrigues fala com entusiasmo sobre os impactos do curso na qualidade da Atenção Primária do município de Rio Sono, que possui uma população rural de 70%, com dificuldades de acesso aos serviços. “Após o curso verificamos que todos os usuários são escutados de forma qualificada. [...] Verificamos uma redução nas reclamações dos usuários quanto à resolutividade da atenção básica, verificamos através do registro em planilha própria criada pelo município algumas patologias que acometem a população e podemos realizar intervenções para redução da demanda nas Unidades Básicas de Saúde. Por exemplo, identificamos muitos problemas de lombalgia e criamos um grupo ‘coluna sem dor’, com mais de 55 usuários que não necessitam mais manter a frequência em consultas e uso de medicação na UBS”, relata.

“A palavra e sentimento hoje tanto no meu cotidiano de trabalho quanto na formação profissional e no impacto no atendimento das demandas na prática dos discentes é transformação. Transformação por quê? Em nenhum momento pensávamos em mudar pessoas, mas transformar atitudes! E, na minha experiência, tive a oportunidade de contribuir para essa postura! Muitos discentes no início do curso apresentavam uma postura de descontentamento com o SUS. Estavam desacreditados, desmotivados, mas com a utilização das metodologias ativas - desde o formato da sala em roda à aplicação de dinâmicas e inserção das músicas no processo ensino-aprendizagem - fomos motivando, empoderando de saberes nossos discentes e para nossa surpresa ao final de cada módulo a transformação se revelava”.

Rosemeire Vieira Pereira Aquino, professora do curso e enfermeira coordenadora da Atenção Básica de São Miguel do Tocantins.



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Secretaria de Estado da Saúde do Tocantins

**E-mail para contato:** [assef.etsus@gmail.com](mailto:assef.etsus@gmail.com)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# Educação e Práticas Interprofissionais na Temática da Vulnerabilidade e Violência: Experiências na Residência Multiprofissional em Saúde da Criança no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas



Fotos: Alice Falcão Pereira



## Residência multiprofissional amplia olhar para situações de violência envolvendo crianças e adolescentes e humaniza atendimento no SUS

Um tema delicado, multifacetado e complexo, que exige intervenção sempre com a necessidade de um olhar diferenciado. É nessa perspectiva que a experiência “Educação e Práticas Interprofissionais na Temática da Vulnerabilidade e Violência: Experiências na Residência Multiprofissional em Saúde da Criança no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas”, desenvolvida em Porto Alegre (RS), institucionaliza um processo de trabalho multi e interprofissional com residentes na área de saúde da criança, que inclui os temas violência e vulnerabilidade social de forma transversal por entender seu impacto sobre a saúde. A iniciativa tem desenvolvido competências que promovem uma atuação ética e humanista dos(as) profissionais de saúde.

A experiência gaúcha é realizada no Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas (HMIPV), unidade regional especializada na atenção à saúde materno-infantil e em saúde mental, uma referência no atendimento de populações em situação de vulnerabilidade. A compreensão de que práticas interprofissionais e ações de Educação Permanente em Saúde – ao qualificar o cuidado, aumentar a resolubilidade e a humanização das ações em saúde – têm impacto significativo na consolidação dos princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (SUS) motivou a criação da “Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Criança – Violência e Vulnerabilidades”. Em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a residência forma profissionais-residentes, desde 2014, de diversas categorias.

O cenário que envolve a abordagem do tema violência na saúde tem a integralidade, um princípio do SUS, como elemento central. A atenção às situações de violência demanda investimento na integralidade das ações e do cuidado a partir de um olhar ampliado sobre os usuários(as) do sistema e interação entre os(as) profissionais, com articulação de diversos saberes. É nessa perspectiva que a residência multiprofissional envolve seis áreas profissionais: enfermagem, fisioterapia, fonoaudiologia, nutrição, psicologia e serviço social. Os campos de prática da residência incluem áreas assistenciais e atividades de ensino e pesquisa, gestão e controle social no HMIPV e em outros serviços da rede municipal de Saúde de Porto Alegre, além de serviços vinculados à área da Assistência Social e à Rede de Proteção da Infância e nas instâncias de Controle Social.

A amplitude é marca também nos recursos usados para a formação dos(as) profissionais. A metodologia de trabalho usada na residência inclui o conceito de aprendizagem significativa; a realização de estudos de caso e projetos de intervenção; a construção de Planos Terapêuticos Interprofissionais e Intersetoriais; e o desenvolvimento de pesquisas científicas. Tudo a partir do entendimento que a área de Saúde da Criança engloba ações relacionadas à assistência, planejamento, gestão, promoção, vigilância e educação em saúde.

Diversas técnicas são acionadas para a formação dos residentes, entre elas a realização de seminários técnicos envolvendo a qualificação de temáticas relacionadas à



Depoimento de Alice Falcão  
Pereira, HMIPV

violência e vulnerabilidade e à participação e controle social; rounds multiprofissionais; vivências práticas e de educação em cenários de atenção externos ao ambiente hospitalar do HMIPV; atividades de educação em saúde junto à comunidade; e participação em plenárias do Conselho Municipal de Saúde e do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente.

## Trabalho em equipe integrado e humanizado

Nos quatro anos de desenvolvimento, a iniciativa tem promovido práticas profissionais integradas e ações intersetoriais no âmbito da EPS, qualificando a transição do cuidado das vítimas de violência tanto na rede de saúde quanto na de proteção. Seus resultados acompanham a amplitude das ações executadas e abrangem a realização de eventos relevantes sobre violência sexual

na infância, acolhimento e adoção e abortamento legal; a publicação de artigos científicos originais; a participação em eventos científicos regionais e nacionais e em conferências relacionadas às políticas públicas de controle social.

As atividades da residência promoveram mudanças na cultura institucional do hospital onde o trabalho é desenvolvido e fomentaram reflexões sobre as práticas de atenção em diferentes setores. Possibilitou também a estruturação de linhas de atenção às crianças e adolescentes vítimas de violência no âmbito do SUS. Esses resultados, em uma área tão complexa como saúde da criança, abordando vulnerabilidade social e violência, são possíveis diante das diversas frentes de ação mobilizadas pela experiência gaúcha.

“Como é um assunto muito delicado e difícil de ser abordado, muitas vezes os profissionais de saúde sentem-se despreparados ou não percebem a violência instaurada. A maior contribuição dos residentes no serviço foi provocar e convocar tanto a nossa equipe como toda a rede de saúde da região a perceber o que é velado, a falar sobre violência independentemente de qual seja a formação profissional de base. [...] Com toda essa atuação e interação entre os serviços e áreas distintas, o SUS proporcionou a esses residentes uma excelente formação em saúde pública, que pode ser aplicada em qualquer âmbito de atuação”, explica Ana Cristina Carissimi, psicóloga e preceptora da residência.

“A experiência na Residência Multiprofissional em Saúde da Criança, com transversalidade em violências e vulnerabilidades, foi intensamente apaixonante. Intensa porque trabalhar com essa temática nos aproxima de uma realidade dura e cruel, que é a infância violentada e sofrida, muitas vezes invisibilizada. Apaixonante porque possibilitou o olhar ampliado e compartilhado com colegas de diferentes áreas do conhecimento, em diferentes serviços do SUS e SUAS, dispostos ao aprendizado no cotidiano, à construção de um trabalho acolhedor e com desejo de fazer a diferença. Hoje, trabalhando com políticas públicas e com uma formação no e para o SUS, me percebo mais atenta às violências e vulnerabilidades relacionadas à infância e mais implicada em um fazer multiprofissional e intersetorial que é dispositivo potente de acolhimento e de garantia de direitos”.

Letícia Máisa Eichherr, psicóloga no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) em Porto Alegre (RS), ex-residente.



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Hospital Materno-Infantil Presidente Vargas

**E-mail para contato:** [ensinoepesquisa@hmipv.prefpoa.com.br](mailto:ensinoepesquisa@hmipv.prefpoa.com.br)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# Educação interprofissional na interação universidade, serviço, comunidade no SUS: narrativas de 15 anos da educação pelo trabalho



Foto: Estela Maria Barim



Foto: Rejane Henriques Machado

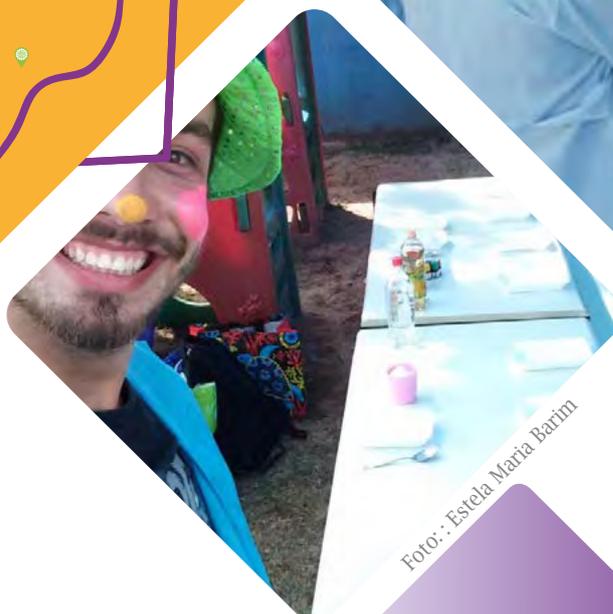


Foto: Estela Maria Barim

## Promovendo interação universidade-serviço-comunidade no SUS, disciplina impulsiona transformação social através da educação pelo trabalho

Mais que uma disciplina, um instrumento de transformação social. Assim a disciplina “Interação Universidade-Serviço-Comunidade (IUSC)” é definida por muitos alunos(as), tutores(as) e professores(as). Sua importância para a formação dos(as) estudantes e a qualificação da integração entre universidade e Atenção Primária à Saúde (APS) pode ser percebida pelos depoimentos e narrativas construídos por quem vivenciou ou ainda vivencia a experiência. Desde 2003, a Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB)/Universidade Estadual Paulista (Unesp), em Botucatu (SP), é palco dessa atividade educacional inovadora.

O projeto “Educação interprofissional na interação universidade-serviço-comunidade no SUS: narrativas de 15 anos da educação pelo trabalho” surgiu com o objetivo de apoiar a mudança curricular dos cursos de graduação em Medicina e Enfermagem, introduzindo inovações pedagógicas orientadas pelos conceitos de aprendizado significativo, educação pelo trabalho com maior aproximação da teoria com a prática, avaliação formativa, formação humanística e em cenários de prática, integração disciplinar e educação interprofissional. A perspectiva é promover a inserção de estudantes, residentes e professores(as) na rede de atenção à saúde e atuar na formação de profissionais que desenvolvam a dimensão cidadã do trabalho para enfrentar a complexidade do cuidado na atenção primária à saúde e os desafios e promover melhorias nas condições de vida e saúde da população.

As disciplinas IUSC integram o currículo dos cursos de Medicina, Enfermagem e Nutrição, que compartilham atividades no primeiro e segundo ano de graduação, com continuidade no terceiro ano para o curso de Medicina, realizadas em parceria com a Prefeitura Municipal de Botucatu e a comunidade dos territórios. Professora da FMB/Unesp e supervisora do Centro de Saúde Escola da Unesp, Eliana Goldfarb Cyrino explica que, no primeiro ano, os(as) estudantes conhecem diferentes territórios, atuam nas unidades básicas de saúde e também desenvolvem ações intersetoriais em espaços como creches, escolas e hortas comunitárias. Tudo isso é mediado por professores-orientadores, que podem ser enfermeiros(as), psicólogos(as), nutricionistas, assistentes sociais e fisioterapeutas, por exemplo.

“O que a gente quer focar nesse primeiro ano é a compreensão sobre o trabalho em saúde na Atenção Básica, o que é um território, como o serviço de saúde está organizado naquele território e como é essa relação. Cada aluno acompanha uma família que tem um recém-nascido com a ideia de mostrar que a formação em saúde vai além da doença, está voltada também para a riqueza e beleza da vida. No segundo ano os estudantes continuam visitando essas famílias, mas o foco maior está nas questões de educação em saúde, a partir de problemas levantados em cada território. No terceiro ano já não é mais educação interprofissional e cada grupo de alunos fica numa unidade, naquele território, para acompanhar pacientes, a partir da proposta da clínica ampliada, durante todo o ano”, descreve Eliana.

O contato com a comunidade desde o início da formação é um diferencial apontado por estudantes que vivenciaram a IUSC, como Silvania Estevão, hoje enfermeira especialista em Saúde da Família. “A IUSC me apresentou e abriu os olhos para o SUS. Foi nesses dois primeiros anos de faculdade que comecei a entender a complexidade e grandiosidade do nosso sistema. Na disciplina deveríamos realizar visitas domiciliares a famílias da população adscrita na unidade de saúde e a sensação na primeira visita era de insegurança, sem saber o que fazer ali, e o pior, não fazia ideia de como ajudar a família que visitaria. Foi somente mais tarde, ao construir a narrativa da visita, que percebi sobre o que era aquela visita (e as demais que viriam pela frente): elas serviam para que a família me ensinasse. Eu estava aprendendo sobre o desenvolvimento da criança e da relação das famílias com o serviço de saúde e eles é que estavam me ensinando. [...] Foi a IUSC que despertou minha sensibilidade para saúde pública e foi o desencadeador de todas as ações e caminhos que me trouxeram ao que sou hoje”, relata Silvania.

Para Jéssica Leite de Campos, também aluna da disciplina, a experiência faz os(as) estudantes perceberem que suas profissões “não se resumem ao hospital, mas sim à comunidade, e que muitas vezes é possível diminuir ou acabar com um problema desenvolvendo projetos e iniciativas nos bairros, interagindo e fazendo parte de uma comunidade, demonstrando que são elas, as pessoas, que dão sentido às nossas profissões e à nossa presença ali”. Na avaliação da equipe que conduz o projeto, a vivência no contexto da IUSC tem fortalecido a prática acadêmica que conecta a universidade, em suas atividades de ensino, pesquisa, serviço

e extensão, com as necessidades dos serviços e da sociedade, de forma integrada.

## Narrativas do cuidado em saúde

A cada ano da graduação, a disciplina ganha diferentes contornos e promove atividades como a produção de narrativas e relatos das práticas vivenciadas no ensino e no cuidado. “O objetivo é que esses profissionais estejam mais atentos à fala dos pacientes, às questões que a família e a comunidade apresentam porque sabemos que, hoje, um problema muito grave entre os profissionais de saúde é que eles não sabem ouvir os seus pacientes. Então focamos muito nessa questão de entender a singularidade e a complexidade do cuidado trabalhando com as narrativas dos estudantes, mas também dos profissionais de saúde que atuam no SUS e dos professores, sobre todo o trabalho que está sendo desenvolvido”, explica a professora Eliana Goldfarb Cyrino. “Tenho enorme prazer ao ler e reler as narrativas dos estudantes, profissionais e professores. Ver como mobilizam seu imaginário, a linguagem, a observação para construir um contato significativo entre estudantes, famílias e comunidade; entre profissionais, professores e estudantes e entre o grupo dos estudantes das diferentes profissões”, acrescenta.

Toda a experiência é conduzida como prática interdisciplinar e interprofissional, com intuito de promover rupturas com o ensino disciplinar e propiciar experiências nas quais os(as) alunos(as) percebam como um conhecimento depende do saber de distintas áreas, de acordo com as situações concretas da realidade de saúde da região e do país. “A educação interprofissional promo-



Depoimento de Eliana Goldfarb  
Cyrino, professora da FMB/Unesp

ve uma primeira aproximação do aluno com colegas de outros cursos, permitindo que esse conheça mais sobre o outro, bem como com e para o outro, corroborando para a quebra de estereótipos entre as profissões e o planejamento de ações de maneira interprofissional e colaborativa. Assim, ao possuir em seu corpo docente profissionais dos serviços, permite e facilita a interação entre serviço e universidade, bem como valoriza os profissionais e o saber destes em prol da formação dos alunos. [...] Enquanto profissional do serviço utilizo muitas vezes das percepções dos alunos para poder guiar minha prática assistencial e gerencial, pois trazem um olhar crítico tendo como base as discussões em sala de aula (ou outros espaços) sobre o cuidado, que vamos perdendo

ou nos afastando no dia-a-dia no trabalho em meio a tantas demandas e cobranças”, avalia Lucas Cardoso dos Santos, enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família e professor da disciplina.

Os impactos podem ser percebidos em diferentes esferas - do alto número de publicações e teses produzidas à implementação de uma Educação Permanente em Saúde conectada com as necessidades dos territórios e do SUS, que tem como repercussão estudantes e profissionais mais comprometidos com a consolidação do Sistema Único de Saúde. Tutora da IUSC há 5 anos, a fisioterapeuta Daniele Godoy conta que a experiência a fez reviver as ansiedades e perspectivas do início da formação, além de possibilitar reflexões sobre os próprios processos de trabalho. “Trabalhando como tutora eu sei que posso ensinar muito ao grupo de alunos que acompanho, compartilhando com eles a minha experiência de 20 anos trabalhando na área da saúde, em um serviço de atenção primária, uma experiência de 20 anos de trabalho no SUS, mas também posso aprender muito com as vivências compartilhadas e coloridas com a vitalidade, com os sonhos e perspectivas de jovens cheios de vontade. E vontades essas que podem ser exteriorizadas no ambiente que a disciplina IUSC proporciona, fora da sala de aula, num ambiente real, vivo”.

“O curso de Medicina, apesar de muito desejado e cobiçado por grande parte dos vestibulandos, tem muita frustração pela carga teórica dos primeiros anos dos cursos mais tradicionais, muito focados no modelo biomédico, com lógica hospitalocêntrica e em uma visão distante do paciente e da própria arte do cuidado. [...] As coisas começaram a mudar quando tive o primeiro contato, ainda no primeiro ano, com a minha tutora do IUSC, prof<sup>a</sup> Daniela, que sempre se mostrando solícita a nossas dúvidas e dando todo o protagonismo do curso para nós mesmos, ou seja, dando responsabilidades e incentivando ao máximo mais do que nossa participação, mas o nosso engajamento na disciplina, possibilitou uma imersão no significado real de saúde. Jamais tinha experimentado tal jeito de ensinar e aprender, lá, em campo, junto com a comunidade, vendo as suas necessidades, estudando seu território, fazendo tudo isso por nós mesmos, buscando ativamente responder as dúvidas que eventualmente surgiam nos grupos. [...] Aprendendo sobre a importância das equipes multidisciplinares e da interprofissionalidade na saúde, tive a oportunidade de entender que o cuidado é muito mais do que ações pontuais de um único ou de vários profissionais, sem nenhuma integração ou conversa entre eles. É através da junção, da formação de uma equipe, com diferentes conhecimentos e experiências, que se pode obter o máximo de cuidado e assistência necessária. Mais do que um instrumento de formação médica, o IUSC também é um instrumento de transformação para todos que passam por ele”.

Fernando Katsuo Takagi, aluno do curso de Medicina da FMB/Unesp.



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Faculdade de Medicina de Botucatu

**E-mail para contato:** [diretoria@fmb.unesp.br](mailto:diretoria@fmb.unesp.br)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).



# Empoderamento de lideranças por meio da Educação Profissional para estimular processos de mudança na atenção odontológica



Foto: Assessoria de Comunicação Social/UEM



Foto: Odontologia/UEM



Foto: Divulgação

## Curso estimula empoderamento de lideranças em Saúde Bucal por meio da Educação Permanente

Ondas de empoderamento e formação qualificada invadiram a realidade dos(as) profissionais de Saúde Bucal no estado do Paraná, transformando práticas de cuidado e estimulando lideranças adormecidas. O responsável por todo esse movimento é o “Curso de Qualificação da Gestão do SUS em Saúde Bucal”, que encontrou no empoderamento de lideranças por meio do conhecimento um caminho para avançar na gestão do SUS e transformar a realidade da gestão e da atenção. Na iniciativa, a utilização das ferramentas da gestão, planejamento e implantação da Educação Permanente em Saúde acontece de forma integrada entre as esferas local, regional, estadual e federal.

O curso surge a partir dos esforços empreendidos pelo Departamento de Odontologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em parceria com a Coordenação Geral de Saúde Bucal do Ministério da Saúde e a Secretaria de Saúde do Estado do Paraná. Essa costura de estreitas relações entre os âmbitos da gestão, serviços de saúde e universidade é um dos pontos fortes da iniciativa coordenada pela professora Mitsue Fujimaki, professora da área de Saúde Coletiva do Departamento de Odontologia da UEM. Considerando o impacto negativo das doenças bucais na vida das pessoas, o papel de gestores e equipes de saúde, os novos conhecimentos e as inúmeras ferramentas de gestão disponíveis, a experiência contribuiu para identificar fatores dificultadores do processo de trabalho e enfrentá-los, promovendo uma série de mudanças positivas.

Na perspectiva de ondas formativas, com os(as) profissionais que passaram pela capacitação atuando como multiplicadores(as) nas etapas seguintes, a proposta pedagógica foi estruturada em cinco ciclos, a partir de encontros presenciais e a distância, com material didático disponível em plataforma online. No primeiro momento foi realizada a capacitação da equipe de saúde bucal da Secretaria Estadual de Saúde do Paraná e de 22 coordenadores regionais de saúde bucal do estado. Em seguida, foram capacitados 405 profissionais e coordenadores municipais de saúde bucal. O terceiro ciclo abarcou a formação de 320 profissionais das equipes de saúde bucal e, no quarto, 500 profissionais das equipes multiprofissionais de saúde foram qualificados. A perspectiva no quinto ciclo é incluir usuários(as) do SUS, conselheiros(as) de saúde e profissionais que não integram o setor saúde.

“O que temos percebido em entrevista com os profissionais que realizaram o curso é que 80% relatam mudanças em relação à gestão e na compreensão do funcionamento do SUS. Também perceberam a valorização da Atenção Primária, maior valorização das atividades preventivas e educativas, mostrando a importância de reduzir o gargalo que acontece na Atenção Secundária, que é um serviço especializado e mais oneroso. Com esse curso temos esse reconhecimento dos profissionais de saúde, que eles não precisam se limitar ao consultório odontológico, podem expandir esse serviço para locais como escolas e regiões rurais, por exemplo. As pessoas que mais necessi-



Depoimento de Josely Emiko Umeda, cirurgiã-dentista

tam são as que menos procuram o serviço odontológico nas UBS [Unidades Básicas de Saúde]. Então o dentista está reconhecendo essa necessidade de expandir o serviço para esses locais de maior demanda, em que a população necessita de mais atenção”, relata Josely Emiko Umeda, cirurgiã-dentista que faz parte da equipe técnica do projeto.

## Capacidade crítica para mudar práticas diárias

Além do conteúdo programático ministrado no curso, ao longo dos módulos, os(as) alunos(as) realizam exercícios e relatam mudanças de sua prática diária que refletem as discussões e as trocas de experiências ocorridas nos encontros presenciais. Clodoaldo

Penha Antoniassi, que participou do segundo ciclo do curso e atuou como facilitador no quarto, acredita que a experiência contribuiu para o desenvolvimento da capacidade de análise crítica, o que tem repercussões nas atuações profissionais e nas condições de saúde da comunidade. “O curso permitiu desenvolver a percepção de como estava minha realidade no serviço, além de fomentar uma reflexão crítica dos aspectos de gestão (estrutural, do cuidado e do trabalho), e através dos conhecimentos adquiridos buscar realizar ações que mudassem o panorama anterior, sempre priorizando o protagonismo profissional e o trabalho interdisciplinar. O segundo momento, como facilitador, além das trocas com os alunos, possibilitou uma nova análise da minha realidade municipal, visto que o processo no serviço é dinâmico”, conta.

No final do percurso, cada aluno realiza um Trabalho de Conclusão de Curso, no qual apresenta o diagnóstico da gestão local em saúde bucal, indicadores de saúde, informações sobre o município e propostas de intervenção para a melhoria da gestão e da atenção em saúde bucal no município, na UBS ou na Regional. Também são promovidos encontros para apresentação de experiências exitosas da gestão em saúde bucal no Paraná. As atividades promovidas pelo projeto já alcançaram todas as 22 regionais de saúde do Paraná e mais de 70% dos municípios do estado.

“Consegui observar e constatar junto aos participantes o grande benefício na busca do conhecimento, da informação, a metodologia utilizada, a iniciativa, a autonomia, a responsabilidade, o compromisso assumindo a mudança e a transformação da realidade. Entendendo que é um trabalho que exige grande participação e empenho, e que pode demorar um pouco para o resultado aparecer. Portanto, também é necessário tolerância e paciência juntamente com grande planejamento e organização. Foi uma ação em conjunto, onde tivemos instrumentos para entender que fazemos parte da gestão pública e somos responsáveis pelas transformações e melhorias na qualidade de vida, nos serviços e na participação comunitária. Realmente um marco de grande relevância e aprendizado na minha vida”.

Iara Lúcia Leonardi Dotto, profissional aposentada e multiplicadora do Curso de Qualificação da Gestão do SUS em Saúde Bucal.



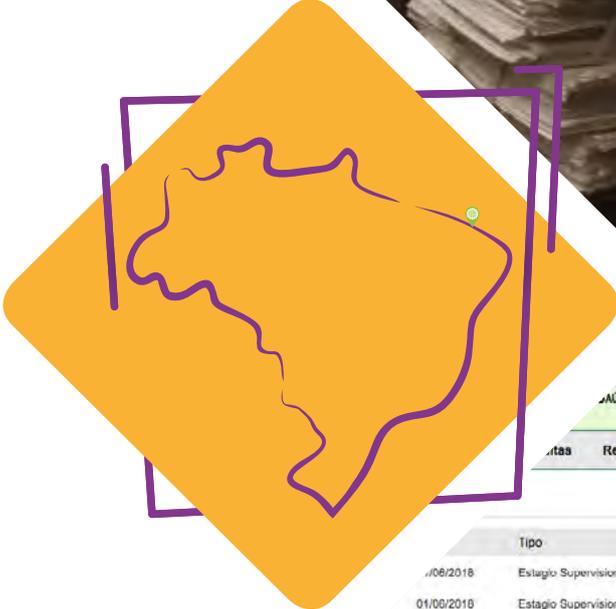
## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Universidade Estadual de Maringá

**E-mail para contato:** [mfujimaki@uem.br](mailto:mfujimaki@uem.br)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# O Sistema de Regulação das Práticas de Ensino na Saúde no Estado do Ceará



SAÚDE  
Relatórios Manutenção

	Tipo	IES	US
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade de Fortaleza	Hospital Geral de Fortaleza
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade Federal do Ceará	Hospital Geral de Fortaleza
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade de Fortaleza	Hospital Geral de Fortaleza
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Faculdades Nordeste	Hospital São José
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade de Fortaleza	Hospital Geral de Fortaleza
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade de Fortaleza	Hospital Geral de Fortaleza
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Faculdades Nordeste	Hospital e Maternidade José Martiniano
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade de Fortaleza	Hospital Geral de Fortaleza
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Faculdades Nordeste	Hospital Carlos Gomes
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Faculdades Nordeste	Hospital Carlos Gomes
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Faculdades Nordeste	Hospital Carlos Gomes
01/08/2018	Estagio Supervisionado	Universidade de Fortaleza	Hospital Geral de Fortaleza

## Solução prática para um problema crônico muda realidade dos campos de prática no Ceará

Uma demanda por estágios envolvendo cerca de 4 mil solicitações por ano na rede estadual de Saúde, equipe insuficiente e um fluxo longo e moroso. Como resolver? A solução foi simples, inovadora e transformou o processo de regulação no estado cearense. “O sistema de regulação das práticas de ensino na saúde no estado do Ceará”, experiência implantada no final de 2016, tem sido celebrada por gestores(as), estudantes e docentes da região por mudar esse cenário, agilizar o processo de ocupação de vagas para estudantes nos serviços, além de trazer segurança e transparência para uma estratégia de formação tão importante.

A Secretaria Estadual de Saúde do Ceará (SESA) vem organizando os convênios relacionados às práticas de estágio com as instituições de ensino desde 2007. Na época, o cenário incluía grande quantidade de processos em papel, equipe reduzida e lentidão na tramitação. O resultado se apresentava em gastos com retrabalho e perdas de vagas por falta de gestão. A solicitação de uma vaga era realizada com abertura de processo físico na SESA; seu encaminhamento para a Coordenadoria de Gestão da Educação Permanente em Saúde (CGEPS), que checava a vigência do convênio da instituição de ensino; redirecionamento para a respectiva unidade de saúde (US), que verificava disponibilidade, respondia à CGEPS deferindo ou não a solicitação; a CGEPS elaborava um ofício informando a resposta da US e arquivava o processo. Parece longo? Todo o fluxo durava cerca de 2 meses.

Antonio Vanderley Moreira, secretário acadêmico do internato do curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará (UFC) no município de Sobral (CE), lembra diversos problemas no encaminhamento de internos para os estágios – extravio frequente de ofícios; equívocos na digitação e divergências sobre período e local dos estágios; demora das respostas dos serviços às solicitações; perda de prazos e dificuldade para o cancelamento dos estágios quando necessário. “[Havia] desorganização no processo como um todo, desde o seu encaminhamento até a resposta final, e a necessidade constante de corrigir algumas inconformidades via telefone e/ou e-mail, resultando na expedição de novos ofícios de solicitação e/ou encaminhamentos”, recorda.

A decisão de intervir e automatizar o fluxo foi tomada em 2015, mas foi constatada a inexistência de um sistema pronto com essa finalidade. A gestão estadual de Saúde optou então por desenvolver uma solução própria que permitisse eliminar os processos manuais, otimizar o tempo e padronizar os processos operacionais de forma bem transparente. Após seis meses com realização de oficinas reunindo representantes das instituições de ensino e serviços de saúde para discussão sobre os requisitos necessários, o SIS RPES – Sistema de Regulação das Práticas de Ensino na Saúde foi construído e implementado em dezembro de 2016. Sua implantação gradual, realizada com treinamentos, problematização e apresentação em cada unidade conveniada garantiu, além da simplicidade de manuseio do sistema, benefícios imediatos.

O SIS RPES é um sistema de baixo custo construído com tecnologia de acesso livre, compartilhado com todos os atores de formação em saúde do estado do Ceará. O acesso está disponível para toda a rede, tanto no ambiente de trabalho como em computadores de uso pessoal e celulares, o que contribui para a flexibilidade do acesso e maior agilidade no encaminhamento dos processos que envolvem as vagas. A ferramenta está em processo contínuo de aperfeiçoamento, que é vinculado às necessidades apontadas pelos(as) usuários(as), e já houve o lançamento de quatro versões.

“A experiência é inovadora porque não temos notícia de outro sistema que faça isso. Nós pesquisamos antes de desenvolvermos o sistema porque seria muito melhor utilizar uma solução pronta. Só que no Brasil não existe nenhuma experiência em que o controle do acesso desses alunos seja feito de forma automatizada. Tudo realmente é feito à mão, é feito em papel, em planilha, então ela é inovadora nesse sentido, traz maior poder, de monitoramento e de controle do que está acontecendo para o gestor”, explica Camila Colares, assessora técnica da experiência.



Depoimento de Camila Campos Colares, assessora na SESA

## Menos tempo, mais vagas ocupadas, mais estudantes no SUS

A busca por simplificar e otimizar o processo de distribuição de estudantes nos campos de prática da rede estadual de Saúde do Ceará melhorou o fluxo de informação entre instituições de ensino e a área da assistência à saúde, aumentou a produtividade na regulação das vagas e reduziu conflitos de interesse que resultavam na interferência de gestores(as), políticos e pressões de profissionais em uma ação tão importante para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Para Alan Jusselio Bezerra, coordenador responsável pela organização e monitoramento das atividades de estágio no Hospital Dr. Carlos Alberto Studart Gomes em Fortaleza (CE), a segurança no processo das práticas de ensino nas unidades da rede estadual foi uma contribuição importante do sistema.

O SIS RPES racionaliza gastos, é de fácil compreensão e seu uso é simples, sem exigência de recursos computacionais especiais, consequentemente contém desperdícios de recursos financeiros, de material e humanos. A partir das solicitações dos atores da rede, mudanças são rapidamente implementadas caso sejam pertinentes.

A otimização dos processos de inserção de alunos(as) já alcançou 27 instituições de ensino em 25 unidades de saúde da rede estadual, totalizando 16.973 vagas de campos diferentes de estágio em 2017. O tempo médio de respostas às solicitações foi reduzido para oito dias. Com a agilidade do sistema, há como identificar de forma rápida solicitações que foram indeferidas e que podem ser ocupadas por outro(a) aluno(a).

Além do acompanhamento, em tempo real, das vagas ocupadas pelas unidades de saúde e do panorama sobre as práticas pela SESA, o sistema emite relatório usado para

comprovar ao Ministério da Educação (MEC) a existência de estágios, facilitando pontuação das universidades por atendimento às novas diretrizes de educação.

“Desde o seu funcionamento, até a presente data, depois que passou pelas devidas adequações para melhor atender aos seus usuários, o sistema mostra-se eficiente, prático e de fácil manuseio e organizou todo um processo anteriormente muito confuso e personalizado, no qual coordenadores de serviço e secretários acadêmicos eram os únicos responsáveis pelas decisões. Hoje, com a mediação e o controle da distribuição de vagas pelo sistema, o processo para a solicitação/encaminhamento dos estágios para os hospitais da SESA/CE está mais transparente e objetivo. Com ele praticamente já não existe a interlocução com os coordenadores de serviços médicos e secretários acadêmicos para tratar de reserva de vagas nos estágios, mudanças de períodos, cancelamentos, entre outros problemas. Esses momentos eram constrangedores e de muito aborrecimento para nós, que estamos distantes de Fortaleza a 240km, dificultando os contatos para resolução dos problemas no que se refere às práticas de estágios dos internos do Curso de Medicina/UFC-Sobral”.

Antonio Vanderley Moreira, secretário acadêmico da Coordenação Geral do Internato em Medicina na UFC/Sobral.



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Secretaria da Saúde do Estado do Ceará

**E-mail para contato:** [saudece@saude.ce.gov.br](mailto:saudece@saude.ce.gov.br)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# Interação ensino-serviço-comunidade: uma proposta inovadora na educação do trabalho em saúde no município de Porto Seguro (BA)



## Ações de Educação Permanente em Saúde (EPS) alicerçam trabalho e mudam o perfil do egresso de curso de saúde no sul da Bahia

As relações entre saberes e práticas acadêmicos, profissionais e populares movimentam a parceria entre a Secretaria Municipal de Saúde de Porto Seguro (BA) e o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde da Universidade do Sul da Bahia (UFSB). Em “Interação ensino-serviço-comunidade: uma proposta inovadora na educação do trabalho em saúde no município de Porto Seguro (BA)”, o resultado foi o desenvolvimento de uma postura crítico-reflexiva de estudantes e profissionais envolvidos e a formulação de problemas com base nas demandas da comunidade. A experiência fortaleceu o trabalho em equipe e a articulação entre a universidade e as Redes de Atenção à Saúde, integrando conhecimentos interdisciplinares e uma formação humanística para atuação na Atenção Primária à Saúde.

A experiência baiana foi estruturada no âmbito do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PETSAUDE) GraduaSUS na Atenção Básica, com foco na reestruturação dos serviços e na promoção de novas práticas de intervenção na atenção à saúde. Alunos(as) do Bacharelado Interdisciplinar (BI) em Saúde da UFSB participaram das atividades que tiveram como cenário a Estratégia de Saúde da Família (ESF) Arraial Bairro, composta por quatro equipes de ESF e uma de saúde indígena. O local, no Distrito Litoral Sul de Porto Seguro, apresenta áreas de vulnerabilidade social.

Além de tutores(as), preceptores(as) e estudantes da UFSB, a experiência congregou integrantes do Núcleo de Educação Permanente da Secretaria Municipal de

Saúde, profissionais de saúde das equipes da ESF – médicos(as), enfermeiros(as), agentes comunitários de saúde (ACS), técnicos(as) de enfermagem –, a comunidade local e atores sociais em sua construção.

O caminho adotado pela iniciativa foi definido a partir do diagnóstico situacional de saúde no território de Arraial Bairro, com identificação de agravos. A cartografia do território foi construída a partir de um roteiro detalhado, que orientou o trabalho dos(as) estudantes para um olhar ampliado e um diagnóstico participativo, construído junto à comunidade local. A atividade se deteve a questões como o número de famílias vinculadas ao serviço, situação socioeconômica, características culturais, de lazer e religião, dados epidemiológicos, estrutura da rede de serviços de saúde e rede de apoio social. A metodologia de trabalho incluiu a realização de rodas de conversa com diferentes grupos da população (adolescentes, mulheres, pessoas idosas e comunidade indígena) e com profissionais da unidade básica de saúde (UBS). O resultado dessa primeira fase foi sistematizado e apresentado em um seminário pelos estudantes e baseou o desdobramento do projeto.

O segundo momento teve como objetivo a intervenção a partir do olhar sobre as demandas do território e os problemas concretos da comunidade já identificados. Para isso, articulou várias políticas públicas e as temáticas violência, saúde indígena e saúde ambiental, encaminhamento definido após a constatação da importância do trabalho nesses temas na realidade onde iam atuar.

Foram realizadas rodas de conversa, oficinas, troca de relatos, entre outras ações voltadas para a discussão coletiva das propostas de intervenção.

A partir do diagnóstico na comunidade, fluxogramas sobre violências foram elaborados envolvendo os equipamentos do território e os profissionais da UBS Arraial Bairro foram qualificados para o manejo clínico das violências. Na área de meio ambiente, foram realizadas atividades de divulgação sobre Educação Ambiental na rádio comunitária local e um Cine Ambiental. Realizada em oficinas e com vídeos educativos, a ação reuniu crianças e adolescentes de uma escola e uma organização não governamental locais para sensibilização sobre temas como armazenamento de lixo doméstico e não abandono de animais.

A vivência do território possibilitada pela iniciativa promoveu discussões sobre as atuações dos(as) profissionais de saúde, além de maior conhecimento do(a) usuário(a) da rede sobre os serviços de saúde disponíveis. Durante todo o processo foram considerados e discutidos alguns elementos

importantes, como a própria caracterização do território e da Estratégia Saúde da Família (ESF), a história da comunidade, os determinantes sociais, mapa do preconceito, perfil epidemiológico e a prática de ações de educação permanente em saúde.

Para Amanda Ferreira, bacharelada em Medicina na UFSB, a vivência no projeto proporcionou um olhar crítico sobre o território, o processo saúde-doença e o próprio conceito de saúde: “[A experiência] se propôs a trabalhar a partir das necessidades da comunidade, permitindo entender e conhecer fatores que influenciam no complexo processo saúde-doença da população, compreendendo que o território é um espaço dinâmico e que possui especificidades dentro de um contexto que são e devem ser a base para as ações de saúde da Atenção Básica. Essas ações são potencializadas através das parcerias intersetoriais e principalmente da participação popular, permitindo uma visão integral dos problemas, resolução de forma interdisciplinar e a execução de princípios norteadores do SUS como a participação social, a equidade, a integralidade e a descentralização”.



Depoimento de Josiany Rodrigues Garcia, enfermeira

## Troca de saberes para a construção coletiva das práticas

As ações desenvolvidas pela experiência, unindo a universidade e os serviços de saúde de forma interdisciplinar, resultaram na introdução de novos processos e práticas voltados para mudanças e aprimoramentos do trabalho cotidiano no serviço de saúde. O objetivo desse aprendizado compartilhado foi o fortalecimento da integralidade da assistência ao/à usuário(a) e sua visão como

um sujeito conectado à família, ao domicílio e à comunidade.

A iniciativa teve como questão essencial fomentar a compreensão ampla dos(as) usuários(as) dos serviços de saúde, em especial dos seus direitos. A estratégia de territorialização, além de identificar questões especí-

ficas do território, buscou superar a visão de saúde como ausência de doença e relacioná-la às condições de vida da comunidade. O processo também destacou a compreensão do papel da ESF e da Atenção Básica, sua operacionalização e relação com outros setores da rede de serviços de saúde.

“A experiência me proporcionou vivências que jamais imaginei. [...] Os encontros, rodas de conversa, territorialização, intervenções e capacitação proporcionaram um aprendizado singular. Pude enxergar outro lado do SUS, um lado que dificilmente temos acesso, um SUS que tem suas portas abertas, que acolhe, apesar de todas as suas dificuldades operacionais, um SUS que está aqui para servir e o quanto podemos fazer mais por alguém através de um atendimento acolhedor e humanizado. Conhecer o fluxo de funcionamento dos serviços de saúde de uma cidade foi fundamental para entender o que acontece “nos bastidores” e conviver com os Agentes Comunitários de Saúde, abertos a novos conhecimentos e, principalmente, a nos ensinar, nos mostrando, na prática, a importância do seu trabalho, me fez valorizar a importância da função e profissão de cada um que compõe as equipes de saúde.

Maiana Ferraz, bacharel em saúde na UFSB



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Secretaria Municipal de Saúde de Porto Seguro

**E-mail para contato:** [sms.portoseguro@hotmail.com](mailto:sms.portoseguro@hotmail.com)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# Redução de Danos como Estratégia de Atenção e Cuidado Integral em Saúde: políticas, vivências, intervenções e qualificação profissional



Fotos: Grupo condutor PROBEX/RD 2017

## Na Paraíba, projeto de Redução de Danos une ensino, serviço e vivência prática para transformar o cuidado em saúde

Como tratar com responsabilidade um tema sensível, cercado por questões éticas e morais, sem uma formação profissional adequada? Esses foram os desafios enfrentados por um grupo de residentes multiprofissionais em Saúde Mental do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que se deparou com as dificuldades de implementação da Política de Redução de Danos em seu território e uma lacuna de conhecimentos que refletiam diretamente no cuidado e atenção aos usuários de álcool e outras drogas. Como resposta, os(as) residentes idealizaram um curso de qualificação, que tem como ponto de partida a importância da Política e o espaço que esta ocupa dentro das políticas, práticas de saúde e do fazer em saúde. O cenário de surgimento da experiência “Redução de Danos como Estratégia de Atenção e Cuidado Integral em Saúde: políticas, vivências, intervenções e qualificação profissional” é marcado pelo interesse espontâneo dos próprios estudantes.

O projeto multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar apoia-se na horizontalidade e no protagonismo dos sujeitos envolvidos para desenvolver processos de formação de estudantes universitários e profissionais da Atenção Primária à Saúde e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) de João Pessoa (PB) e municípios da Região Metropolitana (Cruz do Espírito Santo, Bayeux, Santa Rita e Conde), bem como promover a efetivação da Política de Redução de Danos no território. A ideia é contribuir para a promoção do cuidado preventivo e

humanizado de populações em comunidades vulneráveis e usuários(as) de álcool, crack e outras drogas.

“O curso surge desse contexto, mas também alinhado ao contexto nacional de retrocessos com relação à política sobre drogas, do retorno a modelos de alta exigência que pregam a abstinência como fator primordial para qualquer tipo de tratamento. Essa situação de violência que a gente vive sempre é atrelada ao uso de drogas quando, na verdade, é fruto do próprio proibicionismo. Diante desse cenário nos pareceu muito pertinente investir no tema e trazê-lo para dentro da universidade, onde até então não se fazia esse debate. Essa é uma questão crítica: dentro das universidades brasileiras, com raras exceções, o debate sobre esse tema é bastante precário”, afirma Marco Deparis, psicólogo e redutor de danos que integra o projeto.

### Educação como ferramenta de transformação

A partir da compreensão da Educação em Saúde como ferramenta potente na transformação social, elaborou-se a proposta de um curso de aperfeiçoamento em Redução de Danos, a partir do aporte teórico, científico e de vivências práticas em uma perspectiva multiprofissional, pautada nos pressupostos da Educação Popular em Saúde e da Educação Permanente em Saúde. O curso foi estruturado em nove módulos e contempla encontros presenciais teóricos e também

ações de Redução de Danos nos territórios dos municípios parceiros, que incluem intervenções de auriculoterapia, massoterapia e quiropraxia, rodas de conversa, oficina para crianças sobre alimentação saudável, brincadeiras para o público infantil, aulas de dança e apresentações culturais.

As ações do projeto são implementadas pela equipe de extensionistas (professores(as), estudantes(as) e colaboradores(as)), tomando como ponto de partida o fato de que a Política Nacional de Redução de Danos perpassa as políticas de Atenção Básica, Assistência Social e Atenção Psicossocial. Apesar da transversalidade da política, trabalhar com esse tema acarreta uma série de adversidades pelo caminho, entre elas a superação de questões éticas e morais e a dificuldade de financiamento, que foi solucionada por meio do estabelecimento de parcerias institucionais e até mesmo de recursos que saíram dos próprios bolsos da equipe. “Essa é uma dificuldade, mas que por outro lado revelou o quanto esse processo foi uma formação de militância. As pessoas se implicaram de tal forma com o curso que a existência dele se tornou muito



Depoimento de Marco Deparis, psicólogo e redutor de danos

importante. A outra dificuldade é que trabalhar nessa perspectiva do uso de substâncias, de drogas, como algo da essência do ser humano, como algo que faz parte das necessidades, é um tanto difícil, mas é mais necessário do que seria essa dificuldade. A ver, por exemplo, a carência de um bom atendimento para quem tem problemas com dependência química na Atenção Básica, que deveria também cobrir essa demanda”, aponta Marco Deparis.

O acompanhamento das atividades executadas é realizado por meio de reuniões semanais com todos os integrantes do grupo condutor para planejar atividades teóricas e práticas, além de encontros extraordinários para planejamento de ações; reuniões de pactuação com gestores(as) e profissionais da rede de saúde do governo do estado da Paraíba para articulação de atribuições; reuniões extraordinárias com colaboradores(as) para mobilização de parcerias com artistas locais, graduandos(as) de diferentes áreas de formação, residentes em saúde mental e profissionais das localidades pactuadas.

Marco Deparis acredita que as avaliações iniciais mostram os efeitos e afetos produzidos pelo curso entre os(as) participantes, contribuindo para sensibilização sobre a problemática da Redução de Danos: “A gente percebe isso na forma como as pessoas se referem ao curso, à mudança de paradigma, à mudança de perspectiva. Geralmente as pessoas entram para a formação em Redução de Danos com uma ideia bastante equivocada, muitas vezes pensam que é uma prática que faz apologia ou que incentiva o uso, ou pensam que é uma prática única e exclusivamente para lidar com o fato da drogadição ou questões relacionadas à de-

pendência química. E não é. É uma política que perpassa por um posicionamento ético em saúde, ela orienta o cuidado na Atenção Básica, não só com relação ao uso prejudicial de substâncias, mas como uma postura profissional de respeito à singularidade, à

liberdade de escolha, ao direito que a pessoa tem sobre si, sobre seu corpo, sobre o que ela quer fazer com isso e, a partir disso, estruturar um cuidado que não tenha como pressuposto que o usuário está errado e você está certo”.

“Eram pessoas de formações diversas (terapeutas ocupacionais, psicólogos, enfermeiras, assistentes sociais, artistas, músicos, agentes comunitários de saúde e tantas outras pessoas), trabalhando em locais diversos e com vivências muito diferentes. Era um desafio compreender essas diferenças por si só. Mas na medida em que a redução de danos ia se apresentando e sendo efetivada na prática, tudo parecia possível. [...] Efetivar, de fato, o respeito e a autonomia de quem atendíamos, criando vínculos, trabalhando a escuta qualificada e o acolhimento em locais abertos, em suas casas, nas praças, escolas, unidades básicas de saúde. Pessoalmente, foi um curso que não só contribuiu para minha formação profissional, mas que contribuiu também para minha vida”

Ludymilla Maria Teixeira Pereira, terapeuta ocupacional e aluna do curso.



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

**E-mail para contato:** [secnesc@css.ufpb.br](mailto:secnesc@css.ufpb.br)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).

# Sentidos do nascer



Foto: Pedro Lansky



Foto: Acervo Sentidos do Nascer



Foto: Acervo Sentidos do Nascer



## Exposição itinerante e inclusiva mobiliza conhecimentos e afetos a favor do nascimento saudável

Uma exposição interativa e inclusiva que dissemina informações sobre parto e nascimento saudável mas, principalmente, mexe com afetos e emoções de profissionais de saúde, estudantes, mulheres e sociedade em geral. Essa é a experiência “Sentidos do Nascer – exposição itinerante e interativa para promoção do nascimento saudável”. Desenvolvida por meio de parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte, a iniciativa aposta na ludicidade para difundir conhecimentos sobre os processos de nascimento, buscando discutir e sensibilizar quanto à importância da disseminação das boas práticas na atenção ao parto e nascimento, a prevenção da prematuridade dos bebês, a diminuição do número de cesarianas desnecessárias e a mudança de percepção sobre o parto normal.

A experiência é fruto de uma preocupação de longa data do município de Belo Horizonte (MG), cujas elevadas taxas de cesariana e de prematuridade levaram a uma demanda por mobilização social para a promoção do parto normal e redução da morbimortalidade materna, fetal e infantil. O tema comoveu pesquisadores(as), movimentos sociais e ativistas e, como resultado, surgiu uma exposição sensorial, com metodologia interativa desenvolvida para tocar o coração das pessoas. “Ela é inovadora porque propõe afetar as pessoas, nós percebemos que há uma necessidade de envolvimento e comprometimento das pessoas com essa questão da forma de nascer. Não é só uma transmissão de informação. A informação está acessível para a sociedade, no entanto, nós estamos

ainda fazendo 55% de cesariana no Brasil, que virou a forma predominante de nascimento, em alguns hospitais chega a 80%, 90%. Então vemos que há um desafio de mudança da cultura, mudança da percepção e falta de valorização do parto normal como uma forma de proteção da saúde do bebê e da mulher”, explica Sônia Lansky, pediatra e coordenadora do projeto.

A exposição permanente pode ser visitada no Parque das Mangabeiras (BH) ou no campus da Pampulha da Universidade Federal de Minas Gerais e, sob a forma itinerante, percorre diversos municípios e estados brasileiros. A concepção da exposição considera que, para sensibilizar as pessoas, é preciso primeiro colocá-las no lugar dessa mulher que vai ter filho. Ao se enxergarem grávidas, as pessoas se vêem diante da necessidade de orientação e informação, mas também de apoio para exercer esse momento plenamente integrado à potência da força feminina, livre de assédios, informações equivocadas e manipulações. “É por isso que nomeamos ‘Sentidos do Nascer’ porque é vivenciar e enxergar com outros olhos esse momento como um momento de grande potência transformadora para a mulher”, explica Sônia.

No percurso proposto pela exposição, após passar por essas etapas da gestação, os(as) visitantes experimentam a sensação de nascer – do aconchego do útero, o calor, o cheiro, a escuta do coração e da voz da mãe no momento da passagem para um inóspito mundo aqui fora. Com isso, valoriza-se a transição propiciada pelo parto normal, que ocorre



Depoimento de Sônia Lansky, pediatra

com respeito ao tempo de mães e bebês. “A gente percebe que as pessoas se envolvem, se tocam, se comovem muito e saem até transformadas, revêem seus processos, processos que viveram em suas famílias de cesarianas desnecessárias, de violência no parto, e nosso interesse é que elas possam se juntar, se agregar nesse movimento pela reconquista do protagonismo da mulher no parto e no nascimento para promover vínculo, afeto e amor entre as pessoas que estão ali para apoiar e respeitar a mulher nesse momento tão único na vida”, destaca Sônia Lansky.

## Abordagem sensível para um tema delicado

A iniciativa tem ressaltado os benefícios do parto normal com o objetivo de mudar as

práticas dos profissionais de saúde a partir de reflexões, com impactos na desigualdade no momento do nascer ao empoderar as mulheres com conhecimento. Tudo com o uso de linguagens acessíveis e mobilizadoras que aproximam para tratar de um assunto muitas vezes controverso e polêmico. “A exposição, com sua forma tocante de transmitir as vantagens do nascimento natural, me inspirou a atentar para a importância do parto normal e, dessa forma, dar ênfase a essa questão em meu trabalho como docente dos cursos de Medicina e Fisioterapia da UFRJ. Além de me tocar profundamente como pediatra e dessa forma transmitir melhor essa ideia aos casais com quem trabalho”, relata o médico pediatra Daniel Becker.

Como parte do projeto, também são oferecidas atividades formativas para os trabalhadores da área de Atenção Primária à Saúde da rede municipal de Belo Horizonte e demais interessados(as), com o intuito de estimular mudanças de comportamento das equipes de saúde com relação à gestação e ao parto, e cursos de formação dos mediadores(as) e multiplicadores(as) que atuam na iniciativa. Destaca-se ainda a intensa produção de conhecimentos científicos, que pode ser exemplificada pela publicação de trabalhos de conclusão de curso, teses, dissertações e artigos científicos nos eixos de extensão, pesquisa, ensino e residência.

“O que nós estamos falando nessa exposição são boas práticas baseadas em evidências. Se as mulheres conhecem pouco, são manipuladas, bem como seus familiares. Se os trabalhadores também não estão disseminando essas boas práticas, nosso papel como mobilizador e disseminador das boas informações é exatamente para que todas as pessoas tenham acesso a essa boa prática na assistência ao parto. [...] É direito da mulher e é direito da criança ter acesso a boas práticas, então é uma obrigação dos serviços de saúde se adequarem, implementarem, divulgarem e empoderarem a mulher para que ela possa viver e ter acesso a esse bom tratamento no parto. Direito a um bom parto: essa é uma obrigação do SUS e é por isso que, em apoio ao SUS, a gente está chamando essa responsabilidade para todos os trabalhadores, incluindo a saúde suplementar, onde são mais altas as taxas de cesarianas. Mas a formação pelo SUS, nos hospitais de ensino, por exemplo, é uma forma de contaminar também o mercado do parto, que hoje de forma abusiva faz cirurgias desnecessárias, retira bebês antes da hora certa de nascer, causa prematuridade ou imaturidade em bebês. Essa responsabilidade é nossa, das políticas públicas, do SUS. Somos nós que vamos promover uma transformação social e cultural na sociedade que possa reverter esse cenário e beneficiar toda a população com parto normal, o aleitamento materno e o afeto no momento do nascimento saudável”.

Sônia Lansky, pediatra e atual coordenadora do projeto.



## Quer saber mais?

**Instituição promotora:** Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

**E-mail para contato:** [sonialansky@gmail.com](mailto:sonialansky@gmail.com)

**Site:** [www.sentidosdonascer.org](http://www.sentidosdonascer.org)

Confira vídeo da apresentação da experiência no Seminário do Laboratório de Inovação em Educação na Saúde, realizado entre os dias 6 e 8 de março de 2018, em Brasília (DF).